

# JORNALISMO LITERÁRIO VS JORNALISMO CONVENCIONAL NA COBERTURA DO CONFLITO SÍRIO NOS PERIÓDICOS *THE GUARDIAN* E *THE NEW YORKER*

Literary Journalism vs Conventional Journalism in the Coverage of the Syrian Conflict in the Periodicals *The Guardian* and *The New Yorker*

**Carolina Correia (ISCSP, ULisboa)**

**Rita Amorim (ISCSP, CAPP, ULisboa)** <https://orcid.org/0000-0003-3119-4541>

**Raquel Baltazar (ISCSP, CAPP, ULisboa)** <https://orcid.org/0000-0001-7010-3994>

**Isabel Soares (ISCSP, CAPP, ULisboa)** <https://orcid.org/0000-0002-4077-5084>

O papel do jornalismo ganha relevância na sociedade como um veículo de influência, capaz de moldar a agenda pública, e a sua tradição assenta na adoção de práticas linguísticas como a objetividade e a simplicidade narrativa e linguística, que cumprem a missão informativa. O jornalismo literário surge como uma alternativa a esta 'rigidez' ao afirmar-se pela utilização de uma linguagem narrativa e complexa que partilha características com a ficção. Este artigo explora os aspectos diferenciadores do jornalismo literário e do jornalismo convencional na cobertura do conflito sírio. Foram selecionados os periódicos britânicos *The Guardian* e americano *The New Yorker*, especializados em jornalismo convencional e jornalismo literário respetivamente. O corpus de análise consiste em três artigos de cada periódico com enfoque no espaço temporal entre o aparecimento dos primeiros protestos sírios e a formação do primeiro movimento armado. São comparadas as técnicas linguísticas usadas nos dois tipos de jornalismo sendo explorados os diferentes posicionamentos dos jornalistas no processo de *Newsmaking* da cobertura do conflito sírio. Averigua-se igualmente o papel das personagens das histórias enquanto sujeitos narrativos nos dois géneros.

The role of journalism has gained importance in society as a vehicle of influence, capable of shaping the public agenda, and its tradition is based on the adoption of linguistic practices such as objectivity, and narrative and linguistic simplicity, which fulfill the informative mission. Literary journalism emerges as an alternative to this 'rigidity' by asserting itself through the use of a narrative and complex language that shares characteristics with fiction. This article explores the differentiating aspects of literary journalism and conventional journalism in covering the Syrian conflict. The British periodical *The Guardian* and the American *The New Yorker* were selected, as they specialize in conventional journalism and literary journalism respectively. The corpus of analysis consists of three articles from each periodical focusing on the temporal space between the appearance of the first Syrian protests and the formation of the first armed movement. The linguistic techniques used in both types of journalism are compared and the different positions of journalists in the *Newsmaking* process of covering the Syrian conflict are explored. The role of the characters in the stories as narrative subjects in both genres is also scrutinized.

## Palavras-chave

Jornalismo literário, jornalismo convencional, conflito sírio, *The Guardian*, *The New Yorker*

## Keywords

Literary journalism, conventional journalism, the Syrian conflict, *The Guardian*, *The New Yorker*

**Cómo citar este artículo:** Correia, C., Amorim, R., Baltazar, R., Soares, I. (2025). Jornalismo literário vs jornalismo convencional na cobertura do conflito sírio nos periódicos *The Guardian* e *The New Yorker*. *TSN. Transatlantic Studies Network*, (19), 93-103. <https://doi.org/10.24310/tsn.19.2025.17286>.



Esta obra está bajo licencia internacional Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 4.0.

## Jornalismo convencional vs jornalismo literário

O jornalismo convencional assume a sua função com base num conjunto de normas deontológicas e estéticas que guiam a sua *performance*. Neste, são identificadas quatro teorias predominantes na identificação e categorização das diferentes relações entre o jornalismo e a sociedade (McQuail, 2008, pp. 50-52). O jornalismo convencional anglo-americano é exercido tendo por base um conjunto de princípios éticos que se assemelham aos definidos pelo modelo da responsabilidade social. Esta teoria discute que o trabalho dos jornalistas segue um propósito pelo interesse geral do público, indo para além da função comercial da atividade de gerar audiências e lucro. O modelo da responsabilidade social mantém o controlo da imprensa no poder de organizações mediáticas privadas, no entanto define limites à liberdade de expressão jornalística, fomentando a intervenção do Estado e impondo a estas organizações uma «responsabilidade social» (Carpentier, 2005, pp. 64-65). Neste modelo, os jornalistas moldam a sua atividade às necessidades da sociedade, assumindo uma responsabilidade acrescida. Daí advém um dos princípios elementares para a prática jornalística: a objetividade, que passa pela aplicação de um conjunto de características: factualidade, relevância, veracidade, imparcialidade, neutralidade e balanço, no processo de observação, recolha de informação, mapeamento e categorização que ocorre na construção da notícia.

As décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos da América foram essenciais para a classificação do género de jornalismo literário como uma nova forma de jornalismo. Escritores como Truman Capote, Norman Mailer e Gay Talese incorporavam elementos narrativos da literatura para reportar relatos de guerra e histórias de vida de pessoas comuns. Em 1973, Tom Wolfe contribui para este novo estilo jornalístico-literário através do livro *The New Journalism*, no qual analisa diversos artigos jornalísticos da época associando-os a este jornalismo não convencional. Atualmente, o jornalismo literário é entendido como um género autónomo, incorporando as suas próprias metodologias e características. Nas palavras do escritor Mark Kramer, o jornalismo literário descreve-se como «o tipo de não-ficção onde as artes do estilo e a construção da narrativa, há muito associadas à ficção, ajudam a penetrar na rapidez do que está a acontecer - a essência do jornalismo» (Kramer, apud Tulloch & Keeble, 2012, p. 3).

Em *The New Journalism* (1973), Tom Wolfe traça um modelo de caracterização do género ao identificar quatro ferramentas utilizadas pelos jornalistas literários: a construção 'cena a cena', a gravação dos diálogos, a conjugação dos verbos na terceira

pessoa e a ênfase nos detalhes. Em 1984, Norman Sims adiciona as características da reportagem imersiva, precisão factual, voz autoral, representação simbólica e responsabilidade do autor. Em 1990, no livro *The Art of Fact: Contemporary Artists of Nonfiction*, Barbara Lounsberry concede a mesma importância à construção cénica no jornalismo literário e identifica ainda três critérios essenciais ao género: o conteúdo extraído de experiências reais e a pesquisa exaustiva, ambas essenciais para a factualidade do género, e uma escrita elegante num estilo narrativo que lhe garante o seu caráter artístico e literário (Roberts, 2014, pp. 15-19). Também em 1995, Mark Kramer identifica um conjunto de características que definem o estilo dos jornalistas literários pela imersão destes nos eventos que reportam, pela organização cronológica dos eventos e inserção de citações que contribuem para a confiança do leitor na factualidade do que está a ler, a utilização de linguagem informal e refinada e a inserção da voz e identidade do escritor na obra (Kramer apud Tulloch & Keeble, 2012, p. 5).

O jornalismo literário utiliza a descrição detalhada para examinar o espaço e as personagens que tenta reportar, oferecendo um estilo de escrita «narrado-descritivo» na construção de uma narrativa com atributos cénicos (Hartsock, 2016, p. 10-12). Este tipo de descrição dá relevância a aspectos que na conceção jornalística tradicional seriam considerados irrelevantes, mas que no jornalismo literário ajudam a construir o ambiente simbólico e estético do texto. Este simbolismo é também possibilitado através da utilização de recursos expressivos, como a metáfora e a ironia, que permitem o jornalista literário refletir a realidade com mais flexibilidade (Alexander, 2009, p. 63).

Segundo Tom Wolfe, esta aclamação do real é o que distingue este género de outras formas literárias, impedindo-o de se dedicar a temas ficcionais. A factualidade é atingida através de uma rotinização dos hábitos do jornalista, que envolve a verificação intensiva das informações que este coloca nas suas histórias. O jornalista literário inclui assim evidências da factualidade na sua história, ao expor estas rotinas (Roberts, 2014, pp. 26-27). O jornalismo literário compromete-se com a «verossimilhança da experiência», reproduzindo factos reais com autenticidade e criando assim textos que tecem representações da vida real (Tulloch & Keeble, 2012, p. 6).

Para além de informar, o jornalismo literário foca-se também no desejo de contar histórias reais com uma abordagem que provoca um envolvimento emocional no público e no próprio jornalista. Parte do que define a voz autoral presente no jornalismo literário é a conjugação dos verbos na primeira pessoa. Esta utilização funciona em parte como um produto da sua inserção pessoal na história, mas ao

mesmo tempo ajuda a definir a cena que se pretende retratar de modo a dar ao sujeito algo ou alguém com quem se relacionar (Conover, 2018, pp. 167-168). É também esta personalização da narrativa que, em conjunto com os temas humanitários pelos quais o género se guia, define a abordagem de investigação imersiva do jornalista literário. A investigação imersiva transforma a experiência dos jornalistas em pesquisa, de uma forma que é frequentemente considerada fenomenológica ou metodologicamente equiparável às ciências sociais (Soares, 2017).

É o caráter de imersão e a humanização do autor na sua história, bem como a realidade dos eventos e a estrutura de como o jornalista os narra, que fazem do jornalismo literário um veículo impactante, que estabelece uma conexão com um público tendencialmente apático aos mesmos eventos quando reportados por um jornalismo convencional, objetivo e expositivo (Coutinho, 2018, pp. 100-101). A estrutura narrativa das histórias ao apelar à consciência do leitor e ao convocar a compreensão aprofundada de problemas sociais bem como a autenticidade dos acontecimentos retratados, gera empatia (Hartsock, 2016, pp. 19, 33).

### A cobertura de guerras e o conflito sírio

Segundo Bak, «a reportagem de guerra tem permanecido uma herança cultural rica que abrange não só as culturas ou estados individuais que têm suportado as cicatrizes de guerra nos seus povos ou paisagens, mas também a memória coletiva do que significa ser humano – ou desumano» (2016: IX). Tendo tido as suas origens assentes na disseminação de propaganda, a cobertura de conflitos afirma-se especialmente pela emergência dos novos media, os quais facilitam a propagação rápida da informação concedendo um protagonismo sem precedentes aos cenários de guerra na esfera pública (Busch, 2012). O trabalho jornalístico em contexto de guerra é essencial na exposição da miséria humana e crimes associados. O acesso a tempo e espaço reais a que os jornalistas de guerra se dedicam, proporciona uma cobertura real que não seria possível sem estes riscos (Busch, 2012). Em 2011, a cobertura jornalística de conflitos chegou à Síria. No seio dos media ocidentais esta foi marcada por uma forte mediatização da vertente de política internacional, pela grande visualidade associada e atribuída à utilização dos novos media pelo povo sírio para divulgar a natureza do conflito, e ainda pela forte repressão da cobertura jornalística no território sírio (Mervi, 2013).

O território sírio é, desde cedo, composto por uma grande diversidade de grupos étnico-religiosos, com uma maioria sunita e minorias cristãs, judeus, xiitas, ismaelitas, alauitas e drusos. Em 1949, o

nascimento de vários movimentos revolucionários contra o governo sírio provocou uma crise política que perdurou até 1963, ano em que o Partido Baath subiu ao poder. Em novembro de 1970, o general Hafez al-Assad, ministro da Defesa do partido e comandante da força aérea, organizou um golpe de estado que culminou na instauração de uma ditadura militar governada por Assad e marcada por um regime policiado e constituído pela comunidade alauita (Pearlman, 2017).

No ano 2000, no seguimento da morte de Hafez al-Assad, o seu filho Bashar al-Assad foi eleito à presidência como candidato único pelo Partido Baath. O regime de Bashar al-Assad ficou marcado pela reforma económica neoliberal que instaurou, enriquecendo uma elite restrita e criando um empobrecimento de mais de metade da população que via os recursos do país concentrados no primeiro grupo. De dezembro de 2010 a janeiro de 2011, protestos populares contra o regime da Tunísia culminaram no exílio do presidente Zine el-Abidine Ben Ali e inspiraram outros países árabes a revoltarem-se contra os regimes autoritários no que ficou conhecido como a Primavera Árabe. A 15 de março 2011 começaram pequenos protestos que rapidamente eram suprimidos pelas forças armadas do regime (Pearlman, 2017). Foi, no entanto, na cidade empobrecida de Deraa que os maiores protestos começaram a ocorrer e, oprimidos pela força policial violenta, outros erguiam-se em diversas partes do país, constituindo um movimento de revolução nacional.

A opressão da revolução civil pelas forças armadas do regime tornou-se mais intensa, compreendendo massacres de vigílias pacíficas, ataques a casas de civis, supressões de comida e bens de primeira necessidade a comunidades inquietas e o aprisionamento e tortura de milhares de manifestantes. Apesar de os diferentes grupos étnico-religiosos estarem distribuídos entre diferentes lados do conflito, assistiu-se a alguma divisão de interesses entre a maioria sunita, que via nas revoltas uma oportunidade de retificar as desvantagens que encontravam no regime de al-Assad, e o povo alauita, que encarava a revolução com medo por partilhar a mesma religião que as elites do regime (Pearlman, 2017). Em julho de 2011 nasceu o primeiro grupo militarizado da revolução, o Free Syrian Army, que se auto proclamou como o grupo armado liderante contra o regime, iniciando uma vaga de movimentos de revolução armada que pôs um fim aos protestos pacíficos na Síria.

### Análise comparativa

Este artigo analisa comparativamente os elementos linguísticos, estilísticos e estruturais característicos de cada género, de modo a contribuir para a

distinção do jornalismo literário (*The New Yorker*) e do jornalismo convencional (*The Guardian*) na cobertura do conflito sírio. O corpus de análise é composto por seis artigos:

### ***The Guardian***

Artigo	Data	Autor
«Syria Joins the Arab Protests»	29 de março de 2011	Martin Chulov
«Syrian Regime Sends Tanks to Deraa in Further Toughening of Crackdown»	27 de abril de 2011	Katherine Marsh e Peter Walker
«Syria Vows to Retaliate After Attack on Police and Security Forces»	27 de abril de 2011	Nidaa Hassan

### ***The New Yorker***

Artigo	Data	Autor
«Syria: "Now It's Turned Out to Be a War"»	20 de junho de 2011	Jonathan Stock
«Syria: Fear and Defiance in Homs»	1 de junho de 2011	O autor deste artigo encontrava-se à data na Síria e por razões de segurança a sua identidade permaneceu anónima
«Emmett Till in Syria»	1 de junho de 2011	Amy Davidson Sorkin

## **Técnicas linguísticas**

### ***The Guardian***

Nos artigos do jornal *The Guardian* foram identificados fatores comuns entre os títulos, que são diretos e concisos apresentando as respostas ao *who, what, where* e *why* da notícia, e os *leads*, que explicitam com mais detalhe e clareza as informações já expressas no título. Os primeiros parágrafos oferecem uma descrição complementar das informações já divulgadas pelo título e *lead*, sendo estas as mais relevantes para o objeto principal das notícias. Os parágrafos seguintes contextualizam o objeto principal das notícias e introduzem testemunhos de alguns sujeitos narrativos dos textos. Por último, os parágrafos finais variam entre os artigos: nos primeiros dois é feita uma análise da situação geopolítica envolvente que oferece contexto acerca das ações diplomáticas intervencionistas internacionais, terminando com considerações dos cidadãos e manifestantes sírios acerca do conflito. No artigo «Syria

Vows to Retaliate After Attack on Police and Security Forces», os últimos parágrafos oferecem um contexto geral do desenvolvimento do conflito sírio, com uma curta análise da situação, terminando com o testemunho de um analista acerca da natureza e futuro do conflito.

Em relação aos fatores de atratividade dos títulos dos artigos, conclui-se que se resumem à menção de temas de relevância atual na esfera da atenção pública e à inserção das palavras:

- *Syria e Arab protests* (Chulov, 2011) que caracterizam um assunto com uma elevada mediatização à data dos artigos;
- à introdução de um elemento de novidade no contexto do conflito, aludindo a um desenvolvimento violento pela inserção das expressões *join* (Chulov, 2011), *further toughening* (Marsh & Walker, 2011) e *retaliate* (Hassan, 2011);

• à conotação negativa associada às expressões *crackdown* (Marsh & Walker, 2011) e *attack* (Hassan, 2011).

A conotação das palavras utilizadas no corpo dos artigos é maioritariamente negativa:

- «*Syrians Join the Arab Protests*» apresenta palavras de conotação autoritária: *repressive, distrust, iron fist e forced*.

• «*Syrian Regime Sends Tanks to Deraa in Further Toughening of Crackdown*» apresenta vocábulos de conotação violenta e destrutiva: *crackdown, bloody, intensifying, toughening e rising*.

- «*Syria Vows to Retaliate After Attack on Police and Security Forces*» apresenta igualmente palavras de conotação violenta e destrutiva: *intensify the crackdown, escalating violence, increasingly bloody*.

### ***The New Yorker***

Verificou-se na revista *The New Yorker* uma estrutura cronológica e narrativa das histórias, partilhada entre os três artigos, e evidente através do recurso a expressões temporais que localizam o leitor e conduzem a um seguimento real dos acontecimentos, e do uso de frases descriptivas dos espaços e atores ao longo dos textos. Identificou-se um tom narrativo ao longo dos três artigos, avançado por uma dramatização dos eventos através de:

- uso estratégico de pontuação: *the following day: Friday* (*The New Yorker*, 2011) / *nobody is greater than God, not even Assad* (Stock, 2011) / *But she did have help, as heavy as her own load was* (Sorkin, 2011);

• inserção de exemplos de atos violentos do regime;

• recurso a uma adjetivação emotiva e negativa, geralmente aplicada em descrições dos atos de violência militar e dos efeitos destes nos cidadãos sírios.

A narratividade dos artigos é ainda consolidada pelo uso abundante de recursos expressivos e pela construção indireta e simbólica das frases, que induzem a uma reflexão em vez de oferecer a informação de forma objetiva e evidente. Existe transversalmente uma contextualização geográfica e caracteristicamente jornalística das histórias, visto todos os títulos fazerem menção à Síria. Os três artigos utilizam uma linguagem com uma conotação predominantemente negativa e dramática.

- No artigo «Syria: "Now it's Turned Out to Be a War"» destacam-se a palavra *war*, que no decorrer do texto sucede descrições de ações militares, e a palavra *Assad*, que aparece com a maior frequência.

- No artigo «Syria: Fear and Defiance in Homs» existe um discurso narrativo com recurso a expressões coloquiais: *bitten their tongues* e *Many had been killed... at the hand of the secret services*, e destaca-se o uso constante de variantes da palavra «medo»: *fear, afraid, scared*.

- No artigo «Emmett Till in Syria», a jornalista utiliza as expressões *murdered, lynched* e *die at the hands* para descrever as mortes dos cidadãos sírios.

Se o jornalismo convencional tem a preocupação de adotar uma linguagem simples e de fácil compreensão para um público de massas, recorrendo à estrutura da pirâmide invertida com títulos e leads curtos que salientam os aspetos importantes da notícia e contextualizações que situam o leitor ao longo do texto (Cotter, 2010); o jornalismo literário por norma contraria este modelo ao comprometer-se com uma estrutura cena a cena (Wolfe, 1973), uma descrição detalhada e com recurso a uma linguagem complexa e simbólica. Esta dicotomia é evidente nos artigos analisados. Enquanto os artigos do *The Guardian* seguem uma estrutura que privilegia o objeto principal da notícia no lead e no primeiro parágrafo, os artigos de *The New Yorker* adotam uma estrutura cronológica que cria uma tensão no leitor ao não revelar de imediato as informações essenciais do objeto principal das notícias para, em vez disso, conduzir lentamente por uma narrativa que envolve a percepção do público sobre os eventos de uma forma mais autêntica.

A construção linguística é comum aos três artigos do *The New Yorker*, utilizando frases complexas e altamente simbólicas – com recurso a pontuação estratégica e recursos expressivos – que reproduzem significados textuais profundos e induzem a uma reflexão que não é frequente no jornalismo convencional do *The Guardian* por ter de se comprometer com o dever de informar o público geral com uma acessibilidade e imediatismo associados à sua «responsabilidade social» (Carpentier, 2005, pp. 64-65). Este aspeto é também evidente nos tí-

tulos dos artigos que, no caso do *The Guardian*, são representativos do conteúdo da notícia deixando o público saber do que se trata e, no caso de *The New Yorker*, revelam uma ambiguidade estilística que se alia ao fator da narratividade.

A atratividade é construída de formas semelhantes pelos dois jornais através da inserção dos números das mortes resultantes do conflito que induzem a uma reação de choque e apreensão, e da utilização de palavras com uma conotação negativa que incita a sentimentos de revolta. Contudo, em *The New Yorker* nota-se um esforço acrescido em conseguir esta atratividade que recorre frequentemente a descrições detalhadas dos eventos mais chocantes e violentos do conflito e a adjetivações dramáticas, o que se alia à necessidade do género de transmitir os acontecimentos com um impacto emocional acrescido, de modo a retratar a realidade violenta, mas autêntica, do conflito.

## Posicionamento dos jornalistas

### *The Guardian*

Nos três artigos os jornalistas utilizam a terceira pessoa gramatical e recorrem a frases curtas e diretas acompanhadas de constantes contextualizações que esclarecem o artigo. Identifica-se uma inserção recorrente de figuras públicas internacionais que contextualizam e posicionam o conflito no seio da política internacional, e a indicação de números que dão maior credibilidade à informação e acentuam a realidade das consequências dos dois lados do conflito:

- *More than 150 people (...) have been killed last week* (Chulov, 2011);
- *Witnesses reported a convoy of at least 30 army tanks* (Marsh & Walker, 2011);
- *the crackdown on protesters that has already killed an estimated 1,200 civilians* (Hassan, 2011).

Os artigos focam-se nos protestos sírios, mas de formas distintas:

- «*Syria Joins the Arab Protests*», o jornalista incide sobre o início dos protestos civis na Síria no seguimento da vaga de protestos do médio oriente;
- «*Syrian Regime Sends Tanks to Deraa in Further Toughening of Crackdown*», os jornalistas divulgam o escalar da reação militar na cidade de Deraa;
- «*Syria Vows to Retaliate After Attack on Police and Security Forces*», o jornalista foca-se nas alegações de um ataque contra as forças armadas do governo sírio e a veracidade destas.

Nas duas primeiras notícias é enquadrada a reação política e diplomática internacional, e na terceira são incorporados o início de reações violentas dos manifestantes e a desinformação avançada

pelo regime. Os jornalistas não inserem diretamente opiniões, contudo a escolha e o enquadramento das contextualizações e das palavras remetem para um posicionamento ideológico que influencia o *framing* das histórias.

O recurso abundante a citações e testemunhos provindos de vários intervenientes de diferentes lados do conflito demonstra um balanço e neutralidade no acesso a fontes e na inclusão de pontos de vista:

- Na notícia «Syrians Join the Arab Spring», a primeira citação, *make people happy* (Chulov, 2011) que Bashar al-Assad utiliza para descrever as reformas que planeia fazer, e cuja inclusão no texto alude a uma tentativa de descredibilizar o seu discurso é acentuada pela frase *but was struggling to contain deep distrust* (Chulov, 2011). Segue-se o primeiro testemunho de um cidadão sírio que ilustra o descontentamento do povo. A citação que se segue demonstra a complexidade da situação, acentuando a convivência entre o espírito de resistência que foi despertado no povo sírio e o medo que grande parte deste ainda sente, *Stability has been paramount in Syria and it is a formula that has delivered safety for many and success for some* (Chulov, 2011). O jornalista inclui um testemunho do conselheiro de Assad, no entanto apenas cita diretamente a expressão *armed gangs* que o último utiliza para ilibar o governo da culpa pelos feridos e mortos nos protestos. Por sua vez, no final do artigo o jornalista destaca o testemunho de um empresário sírio, que expressa as suas expectativas para os protestos terminando com a frase *If that is the new reality, then that is a good result* (Chulov, 2011), a qual encerra a notícia.

- Na notícia «Syrian Regime Sends Tanks to Deraa in Further Toughening of Crackdown» a primeira citação utilizada diz respeito a um testemunho de Wissam Tarif, o diretor executivo de um grupo pelos direitos humanos, no contexto da falta de condições de vida dos residentes de Deraa. Tarif comenta a presença das forças armadas na cidade, acentuando o clima de medo que estas induzem nos cidadãos sírios ao usar as expressões *fear* e *scary* (Marsh & Walker, 2011). A citação seguinte provém do secretário de negócios estrangeiros do Reino Unido, e expressa as medidas diplomáticas a serem tomadas para sancionar o regime de Assad e a possibilidade de o líder ainda poder realizar reformas. Este testemunho contraria o posicionamento do artigo, que na sua maioria expõe as intenções repressivas do regime de Assad e a ineficácia das ações internacionais, desta forma descredibilizando o discurso do secretário do Reino Unido. Os testemunhos de Assad e da agência de notícias Sana são enquadrados no sentido de deslegitimar o regime autocrático de Assad ao expor as mentiras disseminadas por estes.

Os últimos testemunhos provêm de membros do Centro para os Direitos Humanos de Damasco, e dizem respeito às consequências que estes querem ver impostas sobre o regime de Assad. Em ambos os testemunhos, fica explícito o caráter não violento e não militar com que estes pretendem resolver a situação, ficando aparente a diferença entre as ações violentas do regime de Assad, motivadas pela soberania política e económica totalitária, e as ações reivindicativas dos manifestantes, motivadas pelo desejo de um regime reformado.

- No artigo «Syria Vows to Retaliate After Attack on Police and Security Forces» a primeira citação utilizada diz respeito a uma declaração do Ministro do Interior da Síria, na qual afirma uma tomada de ação contra os ataques às forças armadas do país. A inserção desta citação é seguida de várias contextualizações e testemunhos que a desmentem, permitindo ao jornalista expor as hipocrisias no discurso do regime. A segunda citação trata-se de uma afirmação feita por um membro do Observatório para os Direitos Humanos Sírios: *We can't know who killed the security because no one is allowed in to see* (Hassan, 2011) e é inserida num contexto que alude à desconfiança nas informações disseminadas pelo regime. Este acrescenta ainda a frase: *You can't control people who see their relatives killed or tortured and not expect a small minority not to fight back, but it is all regime-stoked* (Hassan, 2011), que é posicionada no artigo como uma legitimação das reações de protesto, inspirando uma concordância geral pela inclusão das mortes e tortura do povo sírio utilizadas para justificar as ações violentas dos manifestantes. A última citação proferida por um analista tem uma forte credibilização, e atribui a culpa do escalar do conflito às ações provocadoras do regime. Descreve os protestos como legítimos e pacíficos, mas intensificados em caos como reação à continuada posição intransigente do governo, prevendo o desenvolvimento de um conflito violento dos dois lados, mas relembrando que este não foi provocado pelos manifestantes e sim pelo governo de Assad.

### **The New Yorker**

A subjetividade é verificada nos três artigos que expressam comentários opinativos, inferindo negativamente sobre as ações do regime sírio:

- Nos artigos «Syria: Now it's Turned Out to Be a War» e «Syria: Fear and Defiance in Homs» está presente o recurso à primeira pessoa gramatical, com ambos os jornalistas a inserir-se nas histórias através de relatos de experiências pessoais, expressando a sua imersividade. Ambos utilizam em paralelo a terceira pessoa gramatical, e fazem-no não só através de uma intercalação com histórias paralelas de

outros sujeitos narrativos, mas também de formas distintas. No primeiro artigo as contextualizações acompanham a história, e no segundo as contextualizações encontram-se entre parêntesis. Os objetos destes dois artigos partilham algumas semelhanças, focando-se maioritariamente nos protestos civis e nas intervenções armadas do regime, enquadrados com manifestações da vida quotidiana vivida na Síria.

- O terceiro artigo «Emmett Till in Syria» utiliza exclusivamente a terceira pessoa gramatical, no entanto a jornalista insere a sua subjetividade com comentários opinativos através do recurso a parêntesis: *The official Syrian news agency is pushing a flimsily pasted together alternative narrative* (Sorkin, 2011). O terceiro artigo distancia-se ligeiramente, ao ter como objeto principal a tortura e morte de um rapaz de 12 anos devido à sua participação num protesto civil. Estas abordagens traduzem a relação dos jornalistas com a história, tendo os dois primeiros um acesso privilegiado à notícia e a terceira um distanciamento evidente que lhe impede de relatar com a mesma imersividade.

Todos partilham uma dramatização dos eventos através de uma linguagem estilística, enquadrando-os na perspetiva dos cidadãos sírios e em condenação dos atos opressivos do regime autoritário de Bashar al-Assad.

- No artigo «Syria: Now it's Turned Out to Be a War», o jornalista inclui dois testemunhos dos protestos e das ações violentas desencadeadas pelas forças armadas do governo, expondo o regime de medo de Assad de uma forma real e emotiva. Também recorre ao testemunho de um gerente de hotel, que providencia uma perspetiva diferente ao expressar uma visão do conflito influenciada pela propaganda do regime: *He called the protests and fights in his country «the problem». «These are terrorists coming from Lebanon», he said* (Stock, 2011).

- No artigo «Syria: Fear and Defiance in Homs», as citações diretas que o jornalista utiliza são maioritariamente de um testemunho do mesmo sujeito narrativo e aparecem exclusivamente na segunda parte da notícia, devido à presença do jornalista nos eventos que descreve na primeira parte. Este testemunho consiste numa viagem de táxi contada por uma amiga do jornalista, Ghada. O jornalista pretende dar relevância aos sentimentos que Ghada transmite pelas suas próprias palavras, de modo a traduzi-los de forma real e a apelar à empatia do público: *I couldn't think straight for a moment, a million thoughts raced through my head! No, they wouldn't harm a child* (The New Yorker, 2011). Também inclui citações do taxista que expõem o outro lado do conflito ao manifestarem a sua adoração absoluta e cega por Bashar al-Assad e pelo regime: *Almighty God, even those who can hardly speak say his name*

**Este artigo analisa comparativamente os elementos linguísticos, estilísticos e estruturais característicos de cada género, de modo a contribuir para a distinção do jornalismo literário (*The New Yorker*) e do jornalismo convencional (*The Guardian*) na cobertura do conflito sírio**

*with adoration!* (The New Yorker, 2011). Ainda, no final do artigo, o jornalista utiliza uma citação de Ghada que encerra a notícia ao resumir a questão do medo e desafio expressa no título.

- No artigo «Emmett Till in Syria» as citações que a jornalista insere dão uma intimidade acrescida à história, nomeadamente as das famílias das vítimas dos regimes opressores (Hamza al-Khateeb na Síria e Emmett Till nos Estados Unidos da América) mostram os efeitos e reações reais dos atos cometidos pelo regime de Assad, acentuando a injustiça dos mesmos. No último parágrafo do artigo, surgem duas citações que sensibilizam para estes casos de opressão sistémica e incitam alguma revolta quanto aos contextos que os despoletaram: *Let the people see what they did to my boy / Did Hamza scare you that much?* (Sorkin, 2011).

A intervenção dos jornalistas revela-se um fator diferenciador na forma como estas estratégias linguísticas são utilizadas. Os jornalistas do *The Guardian* adotam uma abordagem distanciada ao utilizarem a terceira pessoa gramatical e ao absterem-se de oferecer comentários diretos acerca dos eventos. Estas características estão associadas à norma de objetividade requerida pelo género e seguem o modelo de factualidade e imparcialidade descrito por Westertahl em 1983 (Carpentier, 2005, p. 67). Verifica-se a presença de um posicionamento ideológico que é reconhecido pela seleção dos objetos aos quais a notícia dá atenção e pelo enquadramento dos sujeitos que é feito em condenação do regime de Bashar al-Assad e em apoio aos protestos civis. Nota-se um enquadramento e caracterização mais exaustivos dos sujeitos associados ao regime de Assad, tendo estes um protagonismo nas notícias que está associado à necessidade primária de

expor o contexto autocrático e antidemocrático do governo sírio. Assim, o povo e manifestantes sírios têm uma caracterização menos presente e que, na maioria das vezes, é feita por oposição ao enquadramento dado ao regime.

Contrariamente, em *The New Yorker* os jornalistas adotam uma abordagem mais interventiva que é marcada ou pela imersividade que fornecem à notícia ou por um envolvimento emocional que transmite para o público. Esta abordagem é também definida, no caso dos artigos «Syria: "Now It's Turned Out to Be a War"» e «Syria: «Fear and Defiance in Homs», pelo uso da primeira pessoa gramatical. No artigo «Emmett Till in Syria» esta subjetividade revela-se a partir dos comentários opinativos acerca dos eventos que reporta e ao incluir um tom emocional que dá a perceber o envolvimento da jornalista.

Os jornalistas de *The New Yorker* fazem uma cobertura do conflito que é recebida com um tom pessoal, contando com interpretações, análises e inferências subjetivas que permitem ao jornalista dar a conhecer a sua própria voz autoral, e ainda através da seleção dos objetos das notícias. Através destes artigos é possível ficar a conhecer em maior profundidade o contexto quotidiano do povo sírio e, consequentemente, criar empatia com o mesmo. Esta caracterização dominante dos manifestantes e cidadãos sírios é ilustrativa da necessidade de dar voz a este povo. Esta necessidade é de uma importância primordial no jornalismo literário e, especialmente, no jornalismo literário de guerra que, segundo John S. Bak (2021), «dá uma voz aos silenciados e oprimidos» (Mateus, Martins & Passos, 2021). Existe simultaneamente uma caracterização negativa do regime de Assad que é feita no sentido de legitimar a natureza dos protestos e denunciar as ações violentas do regime contra o povo sírio, utilizando para isso um tom pessoal que manifesta revolta e angústia face à situação.

## Papel dos sujeitos narrativos

### *The Guardian*

Nos artigos do *The Guardian* observa-se uma presença diversa de vários intervenientes do conflito. O regime é descrito nos três artigos como repressivo e autocrático, e a sua representação é feita através de uma exposição das suas ações antidemocráticas utilizando, por exemplo, menções da durabilidade extensa do governo: *The scenes are without precedent during Assad's 11 years as president and were extremely rare during the three decades prior to that when his father, Hafez al-Assad, ruled Syria with an iron fist* (Chulov, 2011). Utilizam também descrições das suas ações violentas e desproporcionais:

*Army snipers were shooting at injured people on the streets and at those who tried to reach them* (Marsh & Walker, 2011). Por último, foca um posicionamento das ações e discursos do governo entre contextualizações que os descredibilizam, ou contrastam com o pacifismo dos manifestantes: *The regime and state media have little credibility, having waged an unprecedented war of disinformation* (Hassan, 2011) / *Amateur video footage has shown government buildings being torched and posters and statues of Assad and his father being defaced. Images have also been shown of security forces gunning down unarmed demonstrators* (Chulov, 2011).

Relativamente aos manifestantes e aos cidadãos sírios, a sua representação depende majoritariamente da sua inserção em contraste com as ações do regime. Estes são enquadrados como entidades pacíficas e inocentes, mas resilientes no contexto do conflito: *unarmed demonstrators* (Chulov, 2011) / *Despite the intensifying crackdown, activists pledged to turn out again on Friday* (Marsh & Walker, 2011) / *peaceful protesters* (Hassan, 2011). São retratados como um povo descontente e miserável face à situação de violência e pobreza vivida na Síria e despoletada pelo regime de Assad: *Residents in Deraa reportedly now lack basic services such as water and bread* (Marsh & Walker, 2011). Diferentemente, existe no artigo «Syria Vows to Retaliate After Attack on Police and Security Forces» uma contextualização que acusa os manifestantes de violência contra as forças armadas. No entanto, esta é representada de uma forma que legitima as ações como respostas proporcionais aos ataques do regime, mais uma vez enquadrando os manifestantes como personagens resistentes, legítimas e injustiçadas.

Nos dois primeiros artigos são inseridos sujeitos representantes da política internacional, cuja representação é feita em torno das ações intervenientes no conflito expressado, e cujo enquadramento manifesta a sua indiferença e minimização da gravidade face ao conflito e a consequente insuficiência das ações tomadas: *While US secretary of state Hilary Clinton has condemned the use of violence by security forces, US lawmakers have been restrained in their criticism, describing Assad as a reformer* (Chulov, 2011) / *the international community has dragged its feet over Syria while focusing on Libya* (Marsh & Walker, 2011).

### *The New Yorker*

No que diz respeito à representação dos sujeitos narrativos no texto, retira-se dos artigos «Syria: Now It's Turned Out to Be a War» e «Syria: Fear and Defiance in Homs» uma seleção de intervenientes representativa do povo sírio. Nos dois artigos a representação do regime demonstra o seu caráter

autocrático e repressivo, através de um enquadramento descriptivo das ações violentas das forças armadas: *they had been shot with electricity, hit severely, stripped naked, and deprived of sleep* (*The New Yorker*, 2011). É igualmente referida a menção esporádica da desinformação e propaganda avançada pelos órgãos de comunicação do regime: *People can watch Al Jazeera, but it's easier to believe what Addounia TV says* (Stock, 2011), de diferentes percepções do povo oscilando entre culto e medo: *Everyone wanted to protest, he told me, but the presence of the Army and Shabiha had persuaded many that it was too dangerous for them* (Stock, 2011). Por último são feitas análises e comentários adiantados pelos jornalistas: «*Maybe it comes from within the country, from right here?» I asked.* (Stock, 2011) / *The goal was to restore a state of fear* (*The New Yorker*, 2011).

Nos dois artigos é verificado um enquadramento dos manifestantes que exalta as suas ações reivindicativas e dos cidadãos sírios que são representados quer pelo medo e descontentamento que uns sentem pelo regime, quer pela adoração que outros revelam. No primeiro artigo destaca-se a humanização e inocência dos manifestantes jovens através do uso de expressões que enaltecem as suas idades: *student, young unarmed man* (Stock, 2011), e simultaneamente uma exaltação da sua resiliência: *students had been on the forefront of the revolution, shouting «freedom or death»* (Stock, 2011); e ainda a credulidade e ignorância dos cidadãos sírios face à propaganda a que são expostos diariamente. Por sua vez, no segundo artigo os cidadãos de Homs são representados pelo seu medo face às ações violentas do regime, mas também pela sua resiliência enquanto manifestantes, sendo abordadas várias situações de terror e sobrevivência que ilustram ambas as perspetivas.

No artigo «Emmett Till in Syria» existe uma representação dos sujeitos mais convergente. Na sua maioria, os atores do texto dizem respeito aos protagonistas da história (Hamza al-Khatib e Emmett Till) e às suas famílias. Estes são enquadrados como vítimas inocentes das ações de sistemas opressores, e como mártires de movimentos humanitários. O regime de Assad é mencionado apenas duas vezes: primeiro na forma da agência de notícias oficial, inserida pelo seu papel em disseminar informações falsas sobre a morte de Hamza al-Khatib que culpabilizam os manifestantes; e através da família Assad representada como a verdadeira responsável pela morte do rapaz. Os manifestantes por si só não são mencionados, no entanto é feita uma representação destes através da menção de figuras históricas, como Rosa Parks nos Estados Unidos da América e Mohamed Bouazizi na Tunísia, que oferecem um termo de comparação para

a situação de protestos na Síria, enquadrando os manifestantes ao mesmo nível destas figuras e das suas manifestações contra sistemas opressores.

No jornal *The Guardian* existe uma seleção equilibrada de fontes, oferecendo testemunhos que representam várias partes do conflito de uma forma que garante a objetividade jornalística. Contudo, nota-se que os testemunhos do regime sírio e dos agentes de política internacional são contextualizados com intervenções do jornalista que ou desmentem o que está a ser dito ou exprimem incredulidade, revelando a própria posição dos jornalistas. Diferentemente, em *The New Yorker* os testemunhos são maioritariamente de manifestantes ou cidadãos sírios, enaltecedo mais uma vez a necessidade de os jornalistas darem voz a este povo e fazer conhecer as realidades autênticas vividas na Síria, e suprimindo a voz do regime que é já hegemonic, no que é também entendido como uma manifestação do posicionamento ideológico dos jornalistas.

### Papel dos sujeitos narrativos

Através da análise das técnicas linguísticas, do posicionamento dos jornalistas e do papel dos sujeitos narrativos verificou-se que existem diferenças significativas entre o jornalismo convencional e o jornalismo literário. O jornal *The Guardian* segue o modelo de pirâmide invertida inherente ao jornalismo convencional e a revista *The New Yorker* segue um modelo maioritariamente narrativo com uma estrutura cronológica, mas com uma diferenciação num dos artigos que demonstra a estrutura de criação livre e não vinculativa do jornalismo literário. Também se verifica uma diferença na construção frásica, que no *The Guardian* é feita através de um recurso a frases curtas e diretas com pouco simbolismo e uma compreensão acessível ao público, e em *The New Yorker* se destaca pelo uso de frases mais elaboradas e simbólicas com recurso a várias figuras de estilo aludindo à necessidade de se fazer uma reflexão e interpretação do texto, igualmente característico do jornalismo literário.

Foi possível verificar que os jornalistas convencionais assumem um papel predominantemente expositivo, apenas com algumas inserções sutis de subjetividade, em cumprimento do seu dever deontológico de reportar objetivamente; e os jornalistas literários assumem um papel interventivo seja este tido através da sua imersividade no conteúdo noticioso ou de uma escrita analítica que expõe a visão dos jornalistas. Concluiu-se que o papel do jornalista nos textos se encontra diretamente relacionado com o papel dos sujeitos narrativos e a forma como os primeiros os representam. Esta

marca da imersividade reforça o posicionamento da revista dentro do jornalismo literário.

O jornalismo convencional faz uma representação dos sujeitos do conflito sírio que privilegia o enquadramento do regime sírio e dos agentes da política internacional, tendo o primeiro um tratamento que denuncia a sua ideologia autocrática e ações de violência, e sendo os segundos compreendidos como intervenientes incompetentes e desinteressados no conflito. Tende a adotar uma abordagem objetiva e neutra, buscando relatar os fatos de maneira imparcial, apresentando informações sobre o conflito sírio de forma direta, focando em relatos de eventos, entrevistas com fontes e análises políticas. Em contraste, o jornalismo literário foca-se nas perspectivas dos cidadãos sírios possibilitando uma compreensão da dimensão humana do conflito e da guerra e da questão da justiça social, marcas identificativas do jornalismo literário. Os repórteres do *The New Yorker* adotam uma abordagem mais imersiva, utilizando técnicas literárias para transportar os leitores para o cenário do conflito sírio, descrevendo as paisagens, os personagens e as atmosferas envolvidas. Compartilham as suas próprias reflexões e experiências pessoais relacionadas ao conflito sírio permitindo aos leitores ver o conflito por meio de uma lente subjetiva. O jornalismo literário tende a oferecer uma análise mais aprofundada e contextualizada dos eventos. Estes artigos exploram as causas subjacentes, as ramificações políticas e as implicações humanas do conflito sírio, fornecendo aos leitores uma compreensão mais completa e complexa do cenário. Enquanto o jornalismo convencional fornece informações rápidas e factuais, o jornalismo literário busca transmitir uma compreensão mais profunda e emocional dos eventos, através de narrativas ricas e reflexões pessoais.

## Fontes e bibliografia

- Alexander, R. (2009). «My Story Is Always Escaping into Other People»: Subjectivity, Objectivity, and the Double in American Literary Journalism. *Literary Journalism Studies*, 1 (1), 57-66.
- Bak, J. S. (2016). General Introduction to the Repor Ages Series. In A. Griffiths, S. Prieto & S. Zehle (eds.). *Literary Journalism and World War I Marginal Voices* (pp. IX-XIV). Nancy: PUN/Éditions Universitaires de Lorraine.
- Busch, P. (2012, junho 22). The Future of War Reporting. *The RUSI Journal*, 15 (3), 60-67.
- Carpentier, N. (2005). Identity, Contingency and Rigidity. The (Counter-)Hegemonic Constructions of the Identity of the Media Professional. In N. Carpentier, P. PrullmannVengerfeldt, K. Nordenstreng, M. Hartmann, P. Vihalemm, B. Cammaerts, H. Nieminen & T. Olsson (eds.). *Democracy, Journalism and Technology: New Developments in an Enlarged Europe* (pp. 61-82). Tartu University Press. Retirado a 10 de novembro de 2021 de <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464884905051008?journalCode=joua>
- Chulov, M. (2011, março 29). Syrians Join the Arab Protests. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/world/2011/mar/29/syria-bashir-al-assad-protest>
- Conover, T. (2018). Immersion and the Subjective: Intentional Experience as Research. *Literary Journalism Studies*, 10 (2), 163-173.
- Cotter, C. (2010). *News Talk: Investigating the Language of Journalism*. Cambridge University Press.
- Coutinho, M. J. C. (2018). *21st Century Literary Journalism: Narrative Techniques and the Concept of Plot and Hero* [Doctoral thesis, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório Universidade Nova. <https://run.unl.pt/bits-tream/10362/49928/1/Tese.pdf>
- Hartsock, J. C. (2016). *Literary Journalism and the Aesthetics of Experience*. University of Massachusetts Press.
- Hassan, N. (2011, junho 6). Syria Vows to Retaliate After Attack on Police and Security Forces. *The Guardian*. [https://www.theguardian.com/world/2011/jun/06/syria-retaliate-attack-on-troops?CMP=twt\\_gu](https://www.theguardian.com/world/2011/jun/06/syria-retaliate-attack-on-troops?CMP=twt_gu)
- Marsh, K. & Walker, P. (2011, abril 27). Syrian Regime Sends Tanks to Deraa in Further Toughening of Crackdown. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/world/2011/apr/27/syria-deraai-tanks-crackdown-protests>
- Mateus, F.; Martins, L. & Passos, M. Y. (2021). Literary Journalism Gives a Voice to the Silenced: An Interview with John S. Bak. *Comunicação & Sociedade*, 43 (1), 299-318. <https://doi.org/10.15603/2176-0985.cs.v43n1p299-318>
- McQuail, D. (2008). Journalism as a Public Occupation: Alternative Images. In *Democracy. Journalism and Technology: New Developments in an Entangled Europe* (eds.) Nico Carpentier, Pulle Prullmann Vergerfeldt, Kaarle Nordenstreng, Maren Hartmann, Peeter Vihalemm, Bart Cammaerts, Hannu Nieminen, Tobias Olsson. Tartu University Press.
- Mervi, P. (2013). Seeing and Not Seeing the Syrian Crisis: New Visibility and the Visual Framing of the Syrian Conflict in Seven Newspapers and Their Online Editions. *JOMEC Journal*, 4, 1-22.
- Pearlman, W. (2017). *We Crossed a Bridge and it Trembled: Voices from Syria*. Harper Collins.
- Roberts, W. (2014). *Mapping Nonfiction Narrative: Towards a New Approach to Analysing Literary Journalism* [Doctoral thesis, The University of Sydney]. SeS Library. <http://hdl.handle.net/2123/10405>
- Soares, Isabel (2017). At the Intersection of Risk: When Literary Journalism and Sociology Study Urban Problems by Means of Akin Methodologies. *Sociologia: Problemas e Práticas*, 84, 63-80.
- Sorkin, A. D. (2011, junho 1). Emmett Till in Syria. *The New Yorker*. <https://www.newyorker.com/news/amy-davidson/emmett-till-in-syria>
- Stock, J. (2011, junho 20). Syria: «Now it's turned out to be a war». *The New Yorker*. <https://www.newyorker.com/news/news-desk/syria-now-its-turned-out-to-be-a-war>
- The New Yorker (2011, junho 1). Syria: Fear and defiance in Homs. *The New Yorker*. <https://www.newyorker.com/news/news-desk/syria-fear-and-defiance-in-homs>

- Tulloch, J., & Keeble, R. L. (2012). Mind the Gaps; on the Fuzzy Boundaries between the Literary and the Journalistic. In J. Tulloch & R. L. Keeble. (eds.). *Global Literary Journalism: Exploring the Journalistic Imagination* (pp. 1-10). New York: Peter Lang.
- Wolfe, Tom (1973). *The New Journalism*. Harper Collins.